

BREVE NOTÍCIA SÔBRE A “VIAGEM FILOSÓFICA” DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA (1783-1792) (\*).

---

EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO  
Sócio correspondente da Sociedade de Estudos Históricos.

Contando apenas vinte e dois anos de idade, Alexandre Rodrigues Ferreira, nascido na Cidade do Salvador (Bahia, Brasil) em 27 de abril de 1756 (1), ao terminar o curso de Filosofia Natural na Universidade de Coimbra (Portugal), da qual recebeu a láurea doutoral no começo de 1779 (10 de janeiro), foi indicado, mediante proposta do Prof. Domingos Vandelli, titular de Ciências Naturais naquele estabelecimento de ensino superior, seu mestre e padrinho universitário, atendendo a solicitação do Governo Português, no reinado de Dona Maria I, foi indicado, repito, para chefiar importante missão científica, que deveria devassar os invios sertões da região amazônica, estudando não só suas possibilidades econômicas no domínio dos três reinos da natureza, como também o modo de vida e os costumes das populações que a habitavam, sobretudo os aborígenes.

Um quinquênio exato decorreu desde aquela indicação (1778) até a efetivação do empreendimento (1783). A 31 de agosto dêste último ano, segundo Américo Pires de Lima (2), ou a 1º de setembro, conforme consenso da maioria dos autores, deixou Lisboa o viajante-naturalista, em companhia do nôvo governador e capitão-general das capitanias do Grão-Pará e São José do Rio Negro, Martinho de Souza e Albuquerque, a bordo do veleiro *Águia Real e Coração de Jesus*, acompanhado de dois exímios desenhistas (riscadores) do Real Ga-

---

(\*) . — Introdução da obra *Viagem Filosófica* de Alexandre Rodrigues Ferreira, edição preparada pelo Prof. Edgard de Cerqueira Falcão e executada por Gráficos Brunner Ltda., de São Paulo, Brasil (*Nota da Redação*).

(1) . — Esta data natalícia é objeto de discordância entre os biógrafos que compulsel. Enquanto quase todos assim a mencionam (Costa e Sá, Valle Cabral, Carlos França, Virgílio Corrêa Filho, Rodolfo Garcia e Glória Marly Duarte Nunes de Carvalho Fontes), Américo Pires de Lima a troca por 27 de setembro de 1756, à pág. 8 de *O Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, Porto, 1953.

(2) . — *Op. cit.*, pág. 9.

binete de História Natural (Museu da Ajuda), Joaquim José Codina e José Joaquim Freire, e mais um jardineiro-botânico, Agostinho Joaquim do Cabo.

Mal desembarcado em Belém do Pará, após cinqüenta e um dias de viagem, gastos na travessia do Atlântico, o que ocorreu a 21 de outubro do referido milésimo (1783), fazendo base de operações naquela capital, dirigiu-se Alexandre Rodrigues Ferreira, de início, à vizinha Ilha Grande de Joannes ou Marajó, visitando a Vila de Monforte e embrenhando-se em suas selvas, à cata de dados naturalísticos. Rumando, em seguida, noutras direções, entrou a explorar pequenos rios que desaguam nas proximidades do estuário do rio-mar (3), chegando à embocadura do grande Tocantins e subindo-o até certo trecho. Diversas vilas, então, receberam a visita do cientista, entre outras, Cameté, Alcobaça, Pederneiras e Baião. Quase um ano despendeu Alexandre Rodrigues Ferreira nessas andanças e em pôr em ordem as observações feitas. Intenso foi o trabalho dos desenhistas Codina e Freire nessa fase, os quais levaram cêrca de dois meses a elaborar a vista panorâmica da cidade de Belém.

\* \*  
\*

De acôrdo com as instruções recebidas, zarpou Alexandre Rodrigues Ferreira da capital paraense a 20 de setembro de 1784 em direção ao Rio Negro, o caudaloso e profundo tributário da margem esquerda do Solimões, a partir de cuja foz êste passa a chamar-se Rio das Amazonas (4). Navegando em canoa adrede construída (5), com conforto relativo para o desempenho de suas tarefas de explorador, subiu o rio-mar em aprêço. Penetrou na embocadura do Rio Negro a 13 de fevereiro de 1785 e prosseguiu até a Vila de Barcelos (6), situada na margem sul dessa torrente, oitenta e cinco léguas à montante, onde chegou a 2 de março seguinte. Longa foi a permanência de Alexandre Rodrigues Ferreira nessa localidade (muito mais de dois anos), como segunda base de operações.

- 
- (3). — Denominação aplicada ao Rio das Amazonas nas proximidades da foz, tal a distância imensa que separa suas margens uma da outra.
- (4). — Semelhante designação, posta por Orellana, seu descobridor, prende-se à lenda das mulheres-guerreiras, que, em bandos armados de arco e flecha, à maneira de varões, combatiam os adversários.
- (5). — Duas foram as embarcações utilizadas pela expedição nessa etapa.
- (6). — Primeira sede do governo da Capitania de São José do Rio Negro, escolhida em 1753 para local das conversações diplomáticas em tórno da fixação de limites entre os domínios portugueses e espanhóis, no Extremo-Norte da América do Sul. Aldeia de Muriuá chamada a princípio, foi elevada à categoria de *vila*, com o nome de Barcelos, em 1758.

Após o descanso e preparo necessários, partiu de Barcelos a 20 de agosto de 1785 e continuou a subir o Rio Negro, alcançando por fim o limite extremo do domínio português em tal paragem, assinalado pela Fortaleza de São José de Marebitenas (7), a 14 de novembro do mesmo ano. Durante o trajeto explorou diversas vertentes tributárias e visitou inúmeras povoações, recolhendo farto material de estudo. Regressou desse ponto terminal uma semana depois de atingi-lo e retornou a Barcelos em 7 de janeiro de 1786 (8).

Nova excursão empreendeu, depois de refeito da viagem ao Alto Rio Negro. Largou a 23 de abril daquele ano, vogando à jusante da vila-capital, e atingiu a foz do Rio Branco; subiu-o e foi além da Fortaleza de São Joaquim. Nesta, entretanto, permaneceu algum tempo, convalescendo das “carneiradas” (9) contraídas em caminho. Explorou diversos pequenos rios, afluentes do Branco e regressou à base de operações, chegando a esta em 3 de agosto de 1786.

Na expectativa de instruções taxativas da metrópole de além-mar quanto à nova meta a alcançar, permaneceu Alexandre Rodrigues Ferreira jungido à base de Barcelos até 1788. Não ficou, porém, inativo. Promoveu diversas jornadas menores num raio limitado de ação, explorando as matas do Rio Negro, e mandou examinar por Agostinho do Cabo certo trecho do Solimões, até altura do primeiro pesqueiro (50 léguas).

\* \*  
\*

Finalmente, após receber determinações expressas de Portugal, deixou a expedição a Vila de Barcelos em 27 de agosto de 1788, em demanda do Rio Madeira (10), que percorreu em tôda a extensão até a confluência do Mamoré com o Guaporé (11), prosseguindo a navegação neste último com destino a Vila Bela, capital de Mato Gros-

---

(7). — Ou Marabitanas.

(8). — Dada a pequena variação de datas dessa excursão, em mais de um autor, preferi ater-me às mencionadas por Carlos França, que se louvou sobretudo na correspondência de Agostinho Joaquim do Cabo.

(9). — Febres palustres, também chamadas de sezões.

(10). — Grande afluente da margem direita do Amazonas, a desembocar abaixo do Rio Negro.

(11). — Rio importante que nasce na Bolívia, penetra em Mato-Grosso e se continua com o Madeira, a partir desse ponto. Segundo me declarou verbalmente o historiador Hélio Vianna, não constituem o Guaporé e o Mamoré os verdadeiros formadores do Madeira, de acôrdo com o que afirmavam os portugueses coevos, e sim meros afluentes. Na opinião desse competente estudioso, que sobrevoou, em avião, a região, para verificar a verdadeira origem do Madeira, esta é formada pela junção dos rios Beni e Madre de Deus, em território boliviano.

so, onde aportou a 3 de outubro de 1789, havendo passado três meses antes pelo Forte Príncipe da Beira (12).

Composta de seis canoas grandes e outras menores, e de cêrca de 100 índios mansos que as equipavam, sofreu a comitiva de Alexandre Rodrigues Ferreira as maiores vicissitudes à medida que subia o Madeira. Começaram as dificuldades com a deserção dos tripulantes índios, temerosos de encôntro com os ferozes mundurucú (13), senhores da região, que chegaram a atacar a caravana duas vêzes. Reduziu-se o número daqueles outros a quase metade, ao serem explorados pequenos tributários (Anhangatiry, Mataurá, Manicoré) da caudal principal. Mais adiante, fortes impecilhos surgiram ao defrontar-se a expedição com cinco grandes cachoeiras do Madeira, quando as embarcações tiveram que ser transportadas por terra para transportá-las.

Roídos de impaludismo maligno, adoeceram todos nesse percurso. Alexandre Rodrigues Ferreira e o desenhista Freire, ardendo em febre e tiritando, estiveram à morte. O último a baixar ao leito, o jardineiro-botânico Agostinho Joaquim do Cabo, chegou a Vila Bela em tão mísero estado que veio a falecer seis dias depois.

\* \*  
\*

Recuperado em parte dos horrores da longa etapa através do Madeira e do Guaporé, saiu Alexandre Rodrigues Ferreira da capital de Mato-Grosso (14), sua terceira base de operações, dirigindo-se por terra à Serra de São Vicente, em 25 de fevereiro de 1790. Depois de visitar de passagem os arraiais onde se minerava ouro, regressou a Vila Bela. Partiu, de nôvo, em direção a Cuiabá, cujo território esquadrinhou durante alguns meses. Descendo o Rio Cuiabá, foi ter primeiro ao São Lourenço e, em seguida, ao Paraguai e ao Jaurú, atingindo o têrmo de sua viagem no Registro dêste último, donde regressou a Vila Bela, por terra, em 27 de junho de 1791. Duas impor-

---

(12). — Postado como sentinela avançada do domínio português, à margem direita do Guaporé.

(13). — A ferocidade dos mundurucú era de tal ordem que não poupavam os prisioneiros: decepavam-lhes as cabeças, levando-as como troféus, e arrancavam os miolos, que misturavam com tinta urucú (de côr vermelha), formando repugnante matéria com a qual untavam os seus corpos (Carlos França).

(14). — Vila Bela, povoação então florescente, cedeu mais tarde êste pôsto a Cuiabá, quando se criou a Província de Mato-Grosso. Hoje, reduzida a insignificante aglomerado de povo, figura Vila Bela nos mapas apenas com a denominação de Mato-Grosso, tendo perdido por último o título de cidade.

tantes cavernas teve ensejo de explorar em terra matogrossense: a Gruta das Onças e a Gruta do Inferno.

De Vila Bela, pela mesma via fluvial de acesso, retornaram os excursionistas, desfalcados do jardineiro-botânico, a Belém do Pará, onde desembarcaram a 12 de janeiro de 1792. Só em fins dêste milésimo cruzaram novamente o Atlântico, em demanda de Portugal, aportando ao continente europeu em janeiro de 1793.

Durante a estada de volta em Belém (1792), casou-se Alexandre Rodrigues Ferreira com a filha do seu correspondente e dedicado colaborador, Capitão Luiz Pereira da Cunha, correndo em tórno do fato uma versão pouco verossímil.

Trinta e nove mil trezentos e setenta e dois quilômetros percorreram Alexandre Rodrigues Ferreira e seus denodados companheiros nas selvas brasileiras, de 1783 a 1792, segundo o cômputo de Glória Marly Duarte Nunes de Carvalho Fontes (15). “Quase a distância duma volta ao mundo”, comentou Américo Pires de Lima (16).

\* \* \*

Tanto que regressou a Portugal, no ano de 1793, tratou Alexandre Rodrigues Ferreira de pôr em ordem o riquíssimo acervo acumulado durante sua exaustiva peregrinação através das florestas brasileiras, com evidente intuito de divulgar o produto de suas observações.

Américo Pires de Lima, já por mim citado mais de uma vez, um dos estudiosos que se ocuparam, há menos tempo, dos sucessos da expedição filosófica em aprêço, conseguiu desentranhar do Arquivo Histórico Ultramarino (outrora Arquivo Histórico Colonial de Lisboa) cento e trinta e cinco documentos autênticos, que esclarecem em boa parte as peripécias ocorridas em tórno do grande cientista, sobretudo no período compreendido entre a data de sua volta do Brasil (1793) e a do seu falecimento (1815). Daquela cifra, cinquenta e três são cartas da autoria do naturalista-viajante, das quais

(15). — “Cadernos da Amazônia Nº 10” — *Alexandre Rodrigues Ferreira* (Aspectos de sua vida e obra), Publicação do I.N.P.A., 1966, mapa intercalado entre as páginas 40 e 41. Glória Marly Duarte Nunes de Carvalho Fontes, autora dêsse excelente opúsculo, teve oportunidade de estudar profundamente, durante mais de dez anos, na qualidade de documentarista do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, a obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, conseguindo fazer completo levantamento do espólio existente no Brasil. Ao copiar códices já muito deteriorados, que acabaram por se arruinar totalmente, salvou-os de perda definitiva. Infelizmente, até o momento, não chegou a ser aproveitada, como devera, tão magnífica contribuição, por falta de recursos da instituição patrocinadora, para levar a cabo a projetada edição completa.

(16). — *Op. cit.*, pág. 15.

trinta e três do próprio punho. Posteriormente, desencavou o supra-mencionado pesquisador mais noventa e quatro outros elementos informativos, ligados ao Dr. Alexandre, arquivados no Museu Nacional da Faculdade de Ciências de Lisboa, dos quais separou nove e juntou à coletânea precedente. Três publicações estampou Lima sobre a vida científica do destemido explorador do sertão brasileiro (17).

Por intermédio de tais fontes retro-referidas, tornou-se exequível àquêle compilador trazer bastante luz ao controvertido assunto das amarguras que sofreu Alexandre Rodrigues Ferreira nessa fase atribulada, entre as quais culminou o saque de suas coleções por Geoffroy de Saint-Hilaire, no ano de 1808, por ordem de Junot, ao invadir Portugal à frente de um exército napoleônico. Levadas para Paris, somente após a derrota do belicoso corso em Waterloo e a conclusão do tratado de paz com a França, foram restituídos apenas os manuscritos (18).

Destroçado dessa forma o esfôrço ingente de nosso compatriota, não teve êle a ventura de ver estampada em vida sua monumental obra. Recolhida esta *in totum*, após o falecimento de Alexandre Rodrigues Ferreira, em 1815, ao Real Museu da Ajuda, neste permaneceu incólume até 1838, quando foi transferida para a Academia das Ciências de Lisboa, a fim de ser examinada a possibilidade de publicação, por Manuel José Maria da Costa e Sá (19). Maus fados vêm acompanhando, desde então, o valiosíssimo espólio litero-científico. Ce-

- 
- (17). — A). — *O Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, Pôrto, 1953.  
B). — *As matrículas do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, Coimbra, 1954.  
C). — *Ainda o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, Coimbra, 1954.  
Os dois últimos trabalhos foram inseridos no *Boletim* e no *Anuário* da Sociedade Broteriana, respectivamente (Vol. XXVIII — 2a. Série do primeiro e Ano XX do segundo).
- (18). — Carlos França, em sua *História de uma Missão Científica ao Brasil no Século XVIII*, Coimbra, 1922, estampa à pág. 54 a "Ordem de Junot a Domingos Vandelli, Director do Museu da Ajuda, sobre as coleções do referido Museu", assim concebida:

"Le Duc d'Abrantes, Général en Chef de l'armée du Portugal, autorise Mr. Geoffroy, membre de l'Institut de France envoyé par le Ministre de l'Intérieur pour faire des recherches sur les objects spécifiés dans le présent... par nous depuis 1 jusqu'a 4 et comprenant 65 espèces et 76 individus des mammifères, 238 espèces et 384 individus des oiseaux, 25 espèces et 32 individus des reptiles et 89 espèces et 100 individus des poissons. Le Directeur du Cabinet Mr. Vandelli donnera a Mr. Geoffroy toutes les facilités que dépendront de lui pour les objects, et la présent ordre restera déposé entre les mains de Mr. Vandelli pour sa decharge.

Lisbonne, le 3 juin 1808 — Le Duc d'Abrantes".

- (19). — Ao dar desempenho à missão de pronunciar-se sobre a obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, Manoel José Maria da Costa e Sá já a conhecia de sobra, pois, além de ter escrito o *Elogio Histórico* daquele cientista pouco após o falecimento d'ele, balanceara todos os manuscritos postos à sua disposição, publicando a relação do conjunto no Vol. V, Parte II, 1818, das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*.

dido pelo Governo Português ao Brasileiro, com o compromisso deste último de mandá-lo imprimir condignamente, foi encaminhado para cá, aos cuidados de nossa Legação em Portugal.

Duzentos e cinqüenta e oito manuscritos, integrantes do acêrvo de Alexandre Rodrigues Ferreira, relacionados com a *Viagem Filosófica*, passaram dessa forma, em 1842-1843, às mãos do representante diplomático do Brasil em Lisboa, Ministro Antônio de Menezes Vasconcellos de Drummond, *ex-vi* duma Portaria do Ministro do Reino de Portugal, segundo informa precisamente Rodolfo Garcia, antigo diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (20). Inacreditável foi o que se seguiu a essa cessão. Quase vinte anos depois, isto é, em 1861, conforme revelação do naturalista português Carlos França, em trabalho inserido no *Boletim da Sociedade Broteriana* (21), depa-rou o eminente zoólogo Barbosa de Bocage *dois volumes* contendo preciosas aquarelas da expedição em tela. *originais*, em poder de uma mulher, em Lisboa. Adquiriu-os o citado cientista e os ofereceu ao Museu Zoológico daquela capital (22). O material enviado para o Brasil sofreu, por sua vez, incrível descaminho. Passaram os inéditos, em sua quase totalidade, às mãos de colecionadores particulares (23). A má estrêla de Alexandre Rodrigues Ferreira continuava a

---

(20). — Rodolfo Garcia — *Alexandre Rodrigues Ferreira* (Conferência), Coleção Brasileira de Divulgação — Série II, Biografia, nº 3, pág. 35, S.D. do M.E.S., 1946. Carlos França (*op. cit.*, pág. 22), ao dar balanço do material entregue ao representante do Brasil, diz: "Em 1842 o Ministro do Reino, Conde de Tomar, ordenava ao Museu de Lisboa que entregasse ao Ministro do Brasil em Portugal, Vasconcelos Drummond, os manuscritos de Alexandre Ferreira para serem impressos por conta do governo brasileiro e, depois, regressar ao seu legítimo possuidor — o Museu. / Foram-lhe entregues 230 manuscritos, 8 mapas geográficos, 26 estampas e desenhos, 12 chapas de cobre gravadas e 2 volumes de aquarelas".

(21). — *Op. cit.*, pág. 23.

(22). — Por informações particulares da parte do Dr. Carlos Oberacker Júnior, há pouco recebidas de Portugal, os dois volumes de aquarelas originais, atualmente guardados no Museu Zoológico de Lisboa, pelas datas apensas, devem corresponder: o primeiro à excursão pelo Rio Negro (1785-1787) e o segundo à pelo Rio Madeira (1789-1790).

(23). — Dos *cinqüenta e um* códices da *Viagem Filosófica* que figuram como pertencentes à Biblioteca Nacional, em 1876, às págs. 110-129 e 222-239 do Vol. I dos *Anais* desse órgão, *quarenta e oito* trazem a indicação de provirem da *Colleção Lagosiana*. Embora não haja qualquer esclarecimento a respeito do que vinha a ser a referida coleção, tudo leva a crer tratar-se dum conjunto que esteve em mãos de um particular de nome Lagos, e foi incorporado, após o falecimento dêle, ao acêrvo da B.N. Isso se confirma pelo que consta à pág. 352 do Vol. III dos *Anais* em apêço (1877), onde aparece, como *Item B* dos Códices da *Viagem Filosófica* então em poder de particulares, o de Nº 37 (Miscellanea Historica /para/ servir de explicação / ao Prospecto da Cidade / de Belem do Grão Pará / Pelo D.or Alexandre Rodrigues Ferreira / Aos 8 de setembro de 1784 /) sob o dístico: "Pertencente á viuva do commendador Manoel Ferreira Lagos".

*Adendum*: Depois de redigida esta nota, foi-me dado o ensejo de compulsar o *Catalogo da Exposição Permanente dos Cimêlios da*

perseguí-lo inexoravelmente. Contudo, por volta de 1873, surgiu no Rio de Janeiro providencial conterrâneo do desditoso naturalista, o qual, beneditinamente, conseguiu localizar grande parte do que se achava disperso. Alfredo do Valle Cabral, essa benemérita criatura, ao ingressar naquela data na Biblioteca Nacional, como modesto servidor da Seção de Manuscritos, dotado de especial pendor para buscas bibliográficas, lançou-se de corpo e alma à cata dos códices extraviados. Três anos depois, ou seja, em 1876, iniciou a publicação, nos *Anais* daquele estabelecimento, de um trabalho magistral, intitulado "*Alexandre Rodrigues Ferreira* (Noticia das obras manuscriptas e ineditas relativas á Viagem Philosophica do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, pelas Capitánias do Grão-Pará, Rio Negro, Matto-Grosso e Cuyabá. (1783-1792)" (24). Dividido em sete partes, lamentavelmente ficou interrompido no fim da terceira. Entretanto, o que chegou a ser divulgado foi suficiente para servir de base à recuperação de preciosos apógrafos por parte da Biblioteca Nacional (25).

\* \*  
\*

Mais de um século jazem os originais da *Viagem Filosófica* nas seções competentes daquela repartição e do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Muita coisa se perdeu ou permanece descaminhada, sobretudo no que tange à documentação iconográfica.

---

*Bibliotheca Nacional*, publicado em 1885 por João de Saldanha da Gama, em cuja pág. 464 se lê este edificante tónico: "Em marco de 1873 foi comprada a D. Francisca da Costa Ferreira Lagos, viuva do commendador Manuel Ferreira Lagos, toda a sua importante collecção de manuscriptos que sobem a mais de 300. Por essa occasião entraram as obras do naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira relativas a sua viagem scientifica pelo Pará, Amazonas e Mato-Grosso".

- (24). — Além dos cinquenta e um já citados, incorporados ao acervo da Bibliotheca Nacional, localizou Valle Cabral mais trinta e nove códices da *Viagem Filosófica*, dos mais preciosos, ainda em mãos de colecionadores particulares no ano de 1877 (vide Vol. III dos *Anais*, págs. 54-67 e 324-354), sem contar os recolhidos ao Instituto Histórico Brasileiro, ao Museu Nacional da Quinta da Boa Vista e ao Arquivo Militar (*Anais*, Vol. II, págs. 192-198).
- (25). — Entre os particulares que Valle Cabral identificou como maiores possuidores de inéditos de Alexandre Rodrigues Ferreira no ano de 1877, figuram o Dr. João Antônio Alves de Carvalho e o Dr. Augusto F. Maria Glaziou. Retinha o primeiro em seu poder trinta e seis códices, inclusive três volumes de desenhos (287 ao todo), encadernados com as *iniciais d'ele* na lombada. Voltaram todos ao aprisco da Bibliotheca Nacional. Possuía o segundo nada menos que quatro volumes de desenhos (661 ao todo), relacionados com a parte botânica da expedição. O material conservado em mãos do Sr. Glaziou retornou à B.N. como doação de Julio Benedito Ottoni, em 1911, depois de haver feito parte da *Coleção Benedito Ottoni*, organizada por José Carlos Rodrigues. Veio acrescentado de mais um volume (cinco ao todo) perfazendo 962 desenhos a aquarela, em sua grande maioria originaes, assinados ora pelo Freire, ora pelo Codina.

Três principais tentativas de publicação integral ocorreram nos últimos tempos, falhando tôdas infelizmente. A mais recente, a que estive ligado de modo direto (de minha iniciativa junto ao Conselho Federal de Cultura) depois de muito bem encaminhada, interrompeu-se por motivos independentes de minha vontade.

Todavia, não ficou inteiramente perdido o meu esforço. Obtive autorização expressa do diretor da Biblioteca Nacional, o laureado escritor Adonias Filho, para prosseguir, sob minha responsabilidade, na tarefa tão bem iniciada, promovendo a impressão, com o mais requintado acabamento, duma belíssima série de desenhos contidos no volume intitulado *Prospectos de Cidades, Villas, Povoações, Fortalezas e Edifícios, Rios e Cachoeiras da Expedição Philosophica do Pará, Rio Negro, Matto Grosso e Cuyabá* (26). *Originais. Volume 1º* (27).

Como a própria epígrafe esclarece, é êste o primeiro livro de composições plásticas *originais*, feitas *in loco*, autenticadas com as assinaturas dos desenhadores Codina e Freire, que estiveram no Brasil. E' o único que resta, de tal categoria, entre nós, recolhido à Biblioteca Nacional (28). Os demais foram *copiados*, conforme explícita declaração no frontispício, no Real Jardim Botânico da Ajuda (Lisboa), a cargo dos desenhistas oficiais da repartição (29). Abran-

---

(26). — Nunca existiram pròpriamente duas capitânicas distintas com os nomes de Mato-Grosso e Cuiabá, respectivamente, conforme faz supor o título da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira. Ao ser desmembrada da Capitania de São Paulo, em 1748, a região conhecida por "Mato-Grosso de Cuiabá", formou-se com ela a Capitania de Mato-Grosso, cujo primeiro governador, D. Antônio Rolim de Moura Tavares, deixando de lado a já existente Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, criada em 1º de janeiro de 1727 por D. Rodrigo César de Menezes, preferiu estabelecer a capital à margem do Rio Guaporé, fundando, após sua posse em 1751, o termo que denominou Vila Bela da Santíssima Trindade. Não havia qualquer demarcação territorial a separar a área de permoio entre Vila Bela e Cuiabá. (Informação verbal gentilmente fornecida pelo historiador Hélio Vianna, confirmada às págs. 296-298 do Tomo I de seu esplêndido do Compendio de *História do Brasil*, 2a. edição revista e atualizada da Companhia Melhoramentos, São Paulo, 1963). O Prof. Aroldo de Azevedo reafirma essa opinião.

(27). — Compõe-se êste volume de 109 (cento e nove) desenhos, em grande maioria policromos, de dimensões as mais diversas. Trazem indistintamente ora a assinatura de Codina, ora a de Freire. Treze dêles são composições originais do arquiteto-régio Antônio José Landi, que as ofertou a Alexandre Rodrigues Ferreira, ao travar relações com êste, em Barcelos, no ano de 1786.

(28). — Na opinião de Valle Cabral, deve ter existido outros de igual categoria, isto é, compostos de *desenhos originais*, que se encontram perdidos ou extraviados. Textualmente assim se pronunciou êle: "Como se vê pelo respectivo título desta importante coleção de desenhos pertencentes à viagem filosófica de Rodrigues Ferreira, é o 1º volume, o que mostra que houve outro ou outros volumes mais de igual gênero de estampas, de que não temos notícia" (*Anais da B.N.*, Vol. III, pág. 346).

(29). — Além dos dois riscadores que acompanharam Alexandre Rodrigues Ferreira em suas andanças pela Amazônia, faziam parte da turma de desenhado-

ge aquêlê volume as tarefas realizadas durante as primeiras etapas da excursão. Dizem respeito os desenhos a aspetos da cidade de Belém e à viagem até a bacia do Rio Negro, sendo vários dêles inacabados ou meros esboços a lápis (30).

Dois terços dêsses desenhos estão reproduzidos em seguida, quase todos em tamanho natural, havendo sido escolhidos os mais significativos. Trazem no verso legendas elucidativas (31).

\* \*  
\*

### Os Desenhadores.

Joaquim José Codina e José Joaquim Freire pertenciam ao quadro de *riscadores* (denominação curiosa aplicada na época a desenhistas) do Real Gabinete de História Natural do Museu da Ajuda de Lisboa. Percebiam 600 réis diários como ordenado. Trabalharam para a instituição durante as últimas décadas do século XVIII e as primeiras do XIX. Acompanharam *pari-passu* Alexandre Rodrigues Ferreira em sua longa romagem pela região amazônica. Elaboraram em conjunto muitas centenas de belíssimas aquarelas, colhidas do natural, a representarem a flora, a fauna, a etnografia e a geografia da hília brasileira. Freire, antigo discípulo do grande Mestre João de Figueiredo, era segundo-tenente da Armada Real Portuguêsa. Especializou-se, outrossim, em desenhar cartas geográficas, deixando nesse gênero magníficos trabalhos. Em 1814, encontrava-se gravemente doente. O Gabinete de Estudos Históricos de Fortificações e Obras Militares, de Portugal, guarda precioso conjunto de mapas debuxados por êsse artista e mencionados pormenorizadamente por Souza Viterbo (*Expedições Científico-Militares enviadas ao Brasil*

---

res oficiais do Museu da Ajuda os seguintes artistas: Antônio José dos Santos, Manuel Tavares e Vicente Jorge, os quais, bem como José Joaquim Freire, foram discípulos de Mestre João de Figueiredo (Informação colhida em Volkmar Machado — *Colecção de Memórias relativas à vida de pintores, escultores, architectos e gravadores portugueses*, Lisboa, 1823, por Carlos França (*op. cit.*, pág. 10). Manuel Tavares colaborou seguramente na cópia dos desenhos originaes da *Viagem Filosófica*, visto como dezenove belíssimas aquarelas do 2º volume pertencente ao Museu Nacional, idéntico ao que me serviu de modelo para as reproduções, trazem a assinatura dêle.

- (30). — Os esboços a lapis representam sobretudo cópias, feitas pelo Codina, de projetos arquitetônicos elaborados por Antônio José Landi (Estampas Nº 12, 19, 21, 22 e 23 de nossa coleção).
- (31). — Ao lado do número de ordem da seleção por mim feita, figura entre parêntese o da paginação do volume donde foram extraídos os desenhos. Apenas três estampas não pertencem à seriação em aprêço: a primeira e as duas últimas.

*no Seculo XVIII*, 1º Vol, págs. 150-152, Edição do S.N.I., Lisboa, 1962).

Tão escassos elementos informativos foi o quanto pude obter, até agora, a respeito dos dois grandes colaboradores de Alexandre Rodrigues Ferreira. Nenhum outro dado biográfico (datas de nascimento e falecimento, etc.) consegui apurar. Glória Marly Duarte Nunes de Carvalho Fontes, operosa documentarista do I.N.P.A. e apaixonada estudiosa da obra monumental de Alexandre Rodrigues Ferreira, cedeu-me gentilmente cópia xerografada de importante documento por ela encontrado na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Trata-se dum atestado, passado em vinte e um de julho de mil oitocentos e três, no Real Jardim Botânico de Nossa Senhora da Ajuda de Lisboa, por Domingos Vandelli, lente jubilado da cadeira de Prima da Faculdade de Filosofia e diretor daquele museu, no qual é apontada a data de 1º de janeiro de 1780 como a do ingresso de José Joaquim Freire, na qualidade de “empregado na casa do Desenho” do Museu da Ajuda, nomeado por Martinho de Mello Castro, e de haver aquêlê funcionário desempenhado sempre bem as suas obrigações, inclusive como participante da expedição científica de Alexandre Rodrigues Ferreira ao Brasil, designado pelo Real Decreto de 25 de fevereiro de 1783, e, ao regressar dessa viagem a 12 de janeiro de 1793, ter reassumido suas funções de desenhista no Real Jardim Botânico.

\* \*  
\*

Sôbre o terceiro grande artista que contribuiu com desenhos técnicos para ilustrar a obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, o arquiteto-régio Antônio José Landi, dispenso-me de tratar de sua personalidade, porquanto é êle objeto da nota inserida a seguir, traçada especialmente para esta edição, por gentileza do erudito crítico de arte, Prof. Clarival Valladares.